



Em Brasília: Índios em pé de guerra contra lixo atômico

Índios não aceitam resíduos nucleares

Garantindo que o lixo atômico de Goiânia não mais será transferido para a Serra do Cachimbo, no Pará, o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, conseguiu ontem em Brasília acalmar os cem índios Caiapós que estavam em frente ao Palácio do Planalto protestando contra aquela decisão. Um grupo de representantes dos índios queria ser recebido pelo presidente Sarney, porém contentaram-se com a informação que receberam de Jucá Filho.

Os índios chegaram à Praça dos Três Poderes às 15 horas, e logo iniciaram uma dança ritual de guerra. Neste horário, o presidente Sarney costuma chegar no Palácio. Ontem, porém, Sarney entrou pelo portão dos fundos e não presenciou a manifestação.

Ao final da dança, os representantes do grupo atravessaram a rua e foram tentar a audiência com Sarney. Os caciques Raoni, Megaron, Palakan, Kube-I e Kokoreti queriam explicar que o local onde deveriam ser depositados os resíduos atômicos do acidente de Goiânia fica a apenas 80 quilômetros de algumas importantes aldeias indígenas. Ali concentram-se centenas de índios, que passariam a viver o risco de serem contaminados pela radiação nuclear.

— Branco não respeita mesmo o índio — afirmou o cacique Raoni.

Dez aldeias situam-se na área próxima à Serra do Cachimbo, sendo que três delas seriam as mais ameaçadas: Me Tu Ktite, Bau e Kubenkroke. As outras são as tribos dos Gorotire; Kuben Kranquel; Krikreton; Aukré; Pukanu Kateté e os Kren-Akaroré, que não estão ainda aculturados e se mantêm arredios a contatos com os brancos.

O presidente da Funai foi chamado ao Palácio do Planalto para tentar intermediar o encontro entre os índios e as autoridades do Governo. Romero Jucá Filho, logo que chegou, procurou explicar aos índios que iria subir para falar com o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, e desceria em seguida com uma solução. Os caciques protestaram, pois queriam acompanhar Jucá Filho na audiência.

CNEN não sabe onde está resto do césio

O superintendente do Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen), Cláudio Rodrigues, disse ontem em São Paulo que a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) não sabe onde está o material radioativo contaminado com Césio-137, que ainda não foi recuperado pelos técnicos em Goiânia.

Segundo Rodrigues — que participou de uma mesa-redonda sobre o acidente de Goiânia ao lado de físicos e médicos nucleares —, os técnicos da CNEN estão encontrando duas dificuldades principais para localizar o que sobrou do material radioativo: sua infiltração no solo, que tem se acelerado em função das chuvas, e o fato de o Césio provavelmente continuar se espalhando, o que torna a medição dos níveis de radiação mais difícil, nos dois casos.

O superintendente do Ipen ressaltou, no entanto, que a maior parte do material contaminado já foi localizada e recuperada. Em relação ao que sobrou, a principal ameaça é o pó de Césio-137 atingir o lençol freático do solo, o que levaria à contaminação dos rios. Rodrigues acha que, embora não seja impossível, é pouco provável que isso venha a ocorrer, porque os técnicos do CNEN tomaram providências para proteger o lençol freático.

O superintendente Estadual do Meio Ambiente de Goiás, Harlen Inácio dos Santos, informou ontem que a água consumida pela população de Goiânia, o ribeirão que a fornece, todos os córregos da cidade e a rede de esgoto pluvial continuam sendo monitorados por tempo indeterminado, para saber se há ou não radioatividade por Césio-137.

A possibilidade de contaminação desses cursos de água e da rede de esgoto de Goiânia é considerada "remotíssima" pelos técnicos em energia nuclear e ambientais. Mas, mesmo assim, o trabalho de acompanhamento continuará sendo feito, a fim de se evitar qualquer risco. Estão auxiliando no trabalho técnicos da Companhia de Saneamento de São Paulo, da Nuclebrás, da Comissão Nacional de Energia Nuclear e da Superintendência Estadual do Meio Ambiente, usando equipamentos adequados para a medição tanto superficial como em profundidade. Até agora, "nenhum índice de radioatividade" por Césio 137 foi detectado, segundo Harlen. (AG-EBN)

Congresso vai decidir sobre o lixo atômico

Sarney visita Goiânia e transfere decisão para o Parlamento

Mais de duas semanas depois que o Brasil soube de um grave acidente nuclear em Goiânia — ou "acidente radioativo", como prefere dizer o presidente da República — o presidente Sarney visitou ontem o local e acabou "detonando" um outro acidente, de natureza político-militar. Sarney admitiu, pela primeira vez, o que o Ministério da Aeronáutica vinha negando há quase um ano. No campo de provas da Aeronáutica na Serra do Cachimbo (Pará) "já existe um local que foi feito para ser colocado lixo atômico", afirmou o presidente. Ele informou que vai enviar uma mensagem ao Congresso Nacional para que este decida "exatamente onde o Brasil vai colocar o seu lixo atômico".

Na entrevista que concedeu no Aeroporto Santa Geneveva, em Goiânia, depois de visitar a Rua 57, um dos mais graves focos de contaminação pelo Césio-137, e os dez pacientes internados no Hospital Geral do Inamps, todos contaminados, Sarney disse que a decisão sobre o local de depósito do lixo atômico produzido no País tem que ser tomada "com absoluta transparência, de modo que surja de um consenso da sociedade brasileira". Em reunião de 10 minutos com o governador Henrique Santillo, o presidente da CNEN, Rex Nazaré Alves, e o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, Sarney informou sobre as pressões que recebe do governador do Pará, Hélio Gueiros, para que o lixo atômico de Goiânia não vá para a Serra do Cachimbo.

No aeroporto, Sarney insistiu em que o local para depósito atômico "será definido pelo Congresso", e não se comprometeu com a transparência do material para Cachimbo, que havia sido anunciada, há dois dias, pelo presidente da CNEN, Rex Nazaré. "O que existe em relação à Serra do Cachimbo é que lá já existe um local que foi feito para ser colocado lixo atômico", disse. O governador Henrique Santillo, colocado diante do fato novo — envio de uma mensagem ao Congresso para definir o local do lixo — reagiu afirmando que "façam o que quiserem, o lixo não vai ficar em Goiás, porque a população está traumatizada".

As queixas das vítimas

Logo à entrada da área interditada pela CNEN na Rua 57, o presidente Sarney foi interpelado por uma das vítimas do acidente, Gastor Xavier Nunes Filho, desalojado de sua casa com a mulher e três filhos, ainda expulso, posteriormente, do hotel onde se hospedou. Gastor pediu providências e apoio, denunciando estar sendo discriminado, assim como outras famílias de Goiânia que tiveram suas casas evacuadas ou parentes atingidos diretamente pela radiação.

O presidente garantiu que a LBA e a Secretaria Especial de Ação Comunitária "tomarão medidas de urgência" para oferecer novas habitações às pessoas que terão suas casas demolidas para descontaminação do terreno.

No caminho do Aeroporto aos locais visitados, o presidente pôde ver cartazes pedindo "Diretas em 88" e "Fora Sarney-Já", que anunciaram o comício pelas diretas, realizado no úl-



Em Goiânia: Sarney visita uma das vítimas do acidente nuclear

timo dia 23 de setembro em Goiânia, dia da provável abertura da cápsula de Césio-137.

"Este acidente é resultado da irresponsabilidade e da ignorância", afirmou Sarney, ressaltando que "o país dará continuidade" ao plano nuclear e que os mais de dois mil aparelhos radioativos do gênero existentes no País "estão montados para dar saúde ao homem", segundo ele.

"As responsabilidades serão apuradas com todo rigor", concluiu o presidente Sarney, antes de embarcar de volta para Brasília, 1h50min depois da chegada, com a certeza de que não estava levando nenhum resíduo radioativo. Para isto, Sarney passou, antes de deixar o Hospital Geral de Goiânia, por uma medição completa dos contadores Geiger e cintilômetros da CNEN. (AJB-AE)

Vítima da radiação é operada e amputada

Uma das vítimas do acidente nuclear em Goiânia, Roberto Santos Alves, teve ontem amputado o seu antebraço direito pela equipe médica do Hospital Naval Marçílio Dias, no Rio de Janeiro. A operação durou uma hora e meia, e o estado geral de Roberto é considerado gravíssimo pelos médicos. Assim como ele, também Wagner Mota é outro paciente que corre o risco de ter suas mãos e os pés amputados, devido ao agravamento acentuado das lesões radiológicas que sofreu.

Apesar de sucessivas transfusões de glóbulos vermelhos e brancos, além de

plaquetas, o estado geral da maioria dos 10 pacientes internados no hospital militar do Rio continua piorando. A menina Leide das Neves-Ferreira, seis anos, já não se alimenta mais por via oral. Está com hemorragia nasal e seu estado é considerado gravíssimo. A decisão de amputar o antebraço de Roberto Silva Santos Alves foi tomada pelo diretor de Saúde da Marinha, vice-almirante Amihay Burá, após reunião entre a junta médica e os especialistas estrangeiros que assistem as dez vítimas do acidente nuclear de Goiânia, internadas no Hospital Naval Marçílio

Dias, no Rio.

Já o presidente da Associação Brasileira de Física Médica, Homero Cavalcanti, Melo, que assessora a CNEN no levantamento da população contaminada pela radiação de Césio-137, em Goiânia, disse ontem, em São Paulo, que o Governo Federal deve definir, o mais rapidamente possível, as competências para realizar o acompanhamento médico especializado em todas as 248 pessoas contaminadas pelo acidente nuclear e que vivem em Goiânia. (AE-AG)

Papel contaminado provoca pânico em SP

Um caminhão carregado com cinco toneladas de papel contaminado pelo Césio-137 de Goiânia, lacrado e embrulhado em plástico isolante, saiu escoltado no final da tarde da cidade paulista de São Carlos por técnicos do Ipen, que ontem mesmo à noite descarregaram a carga no sítio apropriado do Instituto, na Cidade Universitária, em São Paulo. O Ipen garante que, apesar de cinco das onze toneladas do papel terem registrado radiatividade 40 vezes acima do normal, o material "é totalmente inócuo", não só para todos os moradores da cidade de São Carlos, de 150 mil habitantes — que passaram várias horas de pânico —, como para os 400 operários da Fábrica de Papel e Embalagens São Carlos, que adquiriu o material.

O prefeito de São Carlos, Dagnone de Melo, não conseguiu esconder sua apreensão, principalmente quando era diretamente interpelado pelos moradores da cidade. Ontem de manhã, por exemplo, centenas de telefonemas sobrecarregaram o PABX da Prefeitura, com pessoas querendo falar diretamente com o prefeito. Dagnone, repetindo a palavras dos

técnicos, deu dezenas de entrevistas tranquilizando a população.

Parte das aparas de papel compradas por empresas paulistas em sucateiros de Goiânia estão realmente contaminadas por radiatividade, e estão sendo recolhidas em cidades do interior de São Paulo para encaminhamento ao Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares na Cidade Universitária. A informação consta de nota divulgada ontem em São Paulo pelo próprio Ipen, que encontrou sinais de irradiação nuclear em aparas que estavam em depósitos nas cidades de Araras, Osasco e São Carlos. Mas, em todos os casos — segundo os técnicos — o nível de radiatividade "é ligeiramente acima dos índices normais", não representando "perigo algum" para as pessoas que manipularam os fardos de papel, trabalharam nos depósitos onde eles se encontravam e sequer para os motoristas dos caminhões que levaram o material de Goiânia para São Paulo. (AG-AE)

(Mais informações sobre o acidente nuclear em Goiânia, no caderno especial desta edição)